

**Mulheres mal faladas:  
a prostituição em Buenos Aires em fins do século XIX**

**Álvaro de Souza Gomes Neto<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo aborda a prostituição em Buenos Aires em fins do século XIX. Ao mesmo tempo analisa as relações entre as elites portenhas e as classes mais baixas, mostrando a luta entre elas dentro do mesmo espaço social. A prostituição em Buenos Aires era um mal a ser eliminado.

Palavras-chave: Prostituição, Buenos Aires, Argentina.

**O cenário do submundo social**

Desde a sua segunda fundação em 1580, a pequena vila, fundada por Juan de Garay adquiriu, nos fins do século dos 1900, uma importância cada vez maior, não apenas revelada por seu crescimento econômico e social, mas por ter sido centro de um vice-reino e, posteriormente, capital de um país independente.

Alimentada durante quase dois séculos por um comércio de cunho passageiro, no qual serviu de porto de entrada de produtos legal ou ilegalmente introduzidos no Prata, Buenos Aires acabou por absorver, aos poucos, as vantagens de se situar nessa posição que podemos dizer, privilegiada. O antigo isolamento geográfico, que a colocava numa situação periférica em relação a outros centros latino-americanos, terminou por ser um fator determinante para seu desenvolvimento, atribuindo-lhe características singulares.

No entanto, as conquistas sociais e econômicas não aconteceram de forma simples e linear, embora possamos atestar empiricamente que, no que pese as contramarchas, estas não impediram seu processo evolutivo. Não podemos dessa forma pensar que, num universo humano tão complexo como foi o que se formou na cidade portenha, as inter-relações entre os vários grupos sociais que ali viveram, não tenham sido extremamente difíceis, intrincadas e, muitas vezes, impossíveis. As articulações entre os diferentes grupos humanos, justapostos pela imposição de diferenças raciais e econômicas, forçava relações na vida diária, que não podiam ser evitadas pelas camadas dominantes.

Assim, Buenos Aires era uma cidade em crescimento acelerado, em virtude da

---

<sup>1</sup> Doutor em História. Coordenador do curso de Relações Internacionais da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo, RS. Avaliador de Cursos de Graduação do Ministério da Educação, Brasil.

reorganização de sua economia, que caminhava em bases pré-capitalistas, descortinando um cenário diversificado. A composição da sociedade buenairense saía, lentamente, da bipolaridade brancos x castas (todos os que não eram considerados brancos, exceto os indígenas), para um quadro mais matizado, incluindo-se nessa estrutura, os imigrantes italianos que acorreram à metrópole a partir da segunda metade do século, assim como judeus e russos. No entanto, o cenário que se apresentava, não era, na verdade um exemplo de homogeneidade e distribuição equânime de direitos e privilégios sociais.

No que tratou da ocupação de áreas, o centro era privilégio daqueles moradores que tinham melhores recursos financeiros, geralmente comerciantes ricos, que, aproveitando-se da disponibilidade dessas áreas, iam se assenhoreando delas e construindo prédios para moradia e estabelecimentos de negócios. Na contrapartida, as camadas mais empobrecidas e menos capacitadas de adquirirem terrenos e realizarem construções eram afastadas do espaço central e empurradas para aquelas áreas limítrofes ao rio da Prata, quase sempre à beira de banhados e terras encharcadas, dificultando a sobrevivência.<sup>2</sup> Os lugares que ficavam à beira do Prata eram também imundos e fétidos, sendo muitas vezes insuportável respirar o ar impregnado de odores de materiais orgânicos apodrecidos, oriundos de carcaças de animais, que eram comumente jogados a céu aberto, nessa região. Nesses espaços, justamente, é que viviam os negros (escravos, libertos e livres), junto com os brancos pobres e outros membros das castas, como mulatos, pardos e mestiços.<sup>3</sup> Com a abolição da escravidão em 1860, os ex-escravos permaneceram vivendo nessas áreas marginalizadas.

Havia, na verdade, outra realidade no espelho da vida das camadas sociais dominantes, composta por sobreviventes, vitimados pela segregação racial e pela discriminação econômica. Construía-se um universo paralelo cuja conjuntura era articulada por indivíduos que, algumas vezes, manipulavam situações e tiravam vantagens, tais como agenciadores de prostituição, donos de bordéis, intermediários de toda sorte. Assim, o cenário em que viviam negros e brancos pobres apresentava-se formado por uma estrutura diversificada, abrindo a possibilidade de a própria pobreza ser instrumento de equacionamento de poder, na elaboração muitas vezes de uma rede de contatos com o mundo exterior que não perpassava, necessariamente, pelo controle das classes dominantes. A prostituição, especificamente,

---

<sup>2</sup> WILDE, Jose Antonio. Buenos Aires desde setenta años atrás. Buenos Aires : Biblioteca de La Nación, 1903.

<sup>3</sup> Idem, p.27.

alimentava relações internacionais que ultrapassavam o poder das autoridades, assim como as reuniões dos negros em candomblés e outras confraternizações, não eram passíveis de sanção total por parte do governo constituído.

De outro lado, uma parte das etnias negras também teve períodos de ascensão social, quando os chamados "negros decentes" tinham uma participação efetiva na estrutura de trabalho, exercendo cargos públicos de níveis médios e baixos. Essa fatia de indivíduos acabava por assumir voluntariamente uma ação de integração à sociedade dominante, quando, num processo de aculturação, imitavam usos e costumes desta. Nas sociedades "bailantes", seus membros afrodescendentes se portavam com as mesmas medidas e rapapés das camadas brancas, utilizando, muitas vezes, um vocabulário que não dominavam, na ânsia de pertencer e quebrar diferenças culturais. O vestuário, o gestual e o comportamento das camadas discriminadas também eram adotados como forma de busca de uma identidade cultural branca.

Nos jornais da época, reforçando a idéia do processo de aculturação acelerado, podemos encontrar notícias inteiras sem uma referência às etnias negras ou a qualquer outra camada social marginal, embora existissem aqueles que circulavam exclusivamente entre a população afrodescendente, como o *La Broma* e o *La Juventud*. Em específico os traços culturais africanos eram, na verdade, vistos e sentidos como inevitáveis de serem vividos pelos antepassados, mas que faziam os indivíduos negros do século XIX tentar esquecê-los, procurando, muitas vezes, esconder no silêncio, qualquer identificação cultural que não aquela das camadas sociais brancas. A música, no mais das vezes, era executada com instrumentos usados na Europa, como violinos e clarinetes, próprios da gente "civilizada", e executando canções tais como valsas, polcas e mazurcas. As *milongas*, originadas das antigas casas de tango criadas pelos escravos, eram abandonadas e relegadas ao esquecimento. As diferenças desapareciam aos poucos, sobressaindo-se a identidade com a sociedade dominante.

Vemos apresentar-se, inclusive, a miscigenação escancarada (algo execrado pelos brancos), quando um afrodescendente adentra ao salão trazendo enlaçada em seu braço, uma mulher estrangeira branca. Essa atitude, no mais das vezes, também era condenada pelos negros, na defesa da preservação cultural e étnica, sendo os contatos sexuais entre negros e brancos tidos como fazendo parte daqueles segmentos étnicos que eram considerados indecentes.

Não obstante, no interior das relações sociais consideradas mais próximas dos brancos,

também podemos encontrar as mesmas idiossincrasias que sempre acompanham os relacionamentos íntimos. Aqueles homens negros que faziam questão de demonstrar sua superioridade, calcada no *status* econômico e num patamar mais alto da escala social, acabavam também por serem exemplos de mau comportamento, alimentando ações veladas de violência e maus costumes, condenadas pela sociedade em geral. Geralmente, esses indivíduos esnobes, assentados na condição que ocupavam, eram tidos como intoleráveis como maridos para as mulheres de sua raça, terminando por casar-se com brancas e perdendo, indubitavelmente, a oportunidade de continuar a preservação cultural, unindo-se às negras "decentes" disponíveis.<sup>4</sup>

Essa situação assinala que uma grande parte dos homens em idade de procriar acabou por demandar contra a preservação da sua própria condição étnica, contribuindo para o desaparecimento mais rápido dos afroportenhos. Embora fosse condenável o manutenção aberto de relações entre sujeitos de etnias diferentes, estas aumentaram com o passar do tempo, num somatório que aglutinava os conchavos dos antigos senhores de escravos com suas negras, pela falta dos varões, que foram mortos nas guerras de independência, e as escolhas dos homens negros em juntarem-se às brancas, em detrimento das de sua cultura.

Contudo, dentro das relações mais íntimas, vemos perdurarem as mesmas violências que existiam nas camadas brancas, embora não possamos, no momento, perceber a proporcionalidade em que elas aconteciam. Aquelas sociedades tinham também seus escândalos, como todas as sociedades, existindo, entre tantos delitos condenáveis, os raptos, as seduções, os adultérios, os suicídios e até mesmo os duelos.<sup>5</sup>

Dessa forma, se reproduz o modelo branco, ratificando deformações advindas das relações naturais entre homens e mulheres, independentes dos traços culturais ou étnicos. A extinção das populações de origem africana em Buenos Aires teve as mais variadas causas, indo desde a tísica (doença que atacava mais os mulatos do que os brancos), até os casamentos miscigenados. Interessante é que os homens negros não procuravam as mulheres de suas etnias em consequência dos estragos que o vício ao álcool lhas causava, sendo também pouco solicitadas por homens não negros. Os afroportenhos eram aficionados por bebidas alcoólicas,

---

4 MOLAS, Ricardo Rodriguez. El Baile de La Alegria. Revista Todo es Historia, Buenos Aires, n.217, p.46-49, 1985.

5 Idem, p.48.

estragando-lhes a possibilidade de convivência com eles.<sup>6</sup> A mestiçagem, na verdade, parece ter sido a grande responsável pelo desaparecimento das populações negras da Argentina em geral, e em específico, da área buenairense.

### **A prostituição**

Por outro lado, sabemos que havia, pululando entre as camadas sociais ditas "decentes", um universo composto de indivíduos que formavam os chamados estratos sociais mais baixos. Nesse cenário, a violência, a coerção da liberdade e o domínio do mais forte predominavam. Entre os vários elementos que compunham a gama de situações, enfatizamos a questão da prostituição como um dos mais prementes.

A presença de prostitutas em Buenos Aires é histórica. Já em fins do século XVIII organizou-se a primeira casa habitada por prostitutas, disfarçada com o nome de “Casa das Recolhidas” e era tida com a finalidade de acolher meninas órfãs espalhadas pela cidade. No entanto, essa “Casa” funcionava verdadeiramente como um bordel. Era o ano de 1699 e a direção do “negócio” estava a cargo da beata Juana de Saavedra e suas atividades duraram cerca de três anos. Inauguravam-se, assim, os serviços de favores sexuais com a intenção de reforçar a ordem sociocultural e diminuir as tensões e a violência por parte da população masculina, que era maioria. Quase cem anos depois, em 1771, o então governador Juan Jose de Vértiz y Salcedo (1719-1799) autorizou a criação de uma espécie de “bordel oficial”, a chamada “Casa de Ejercicios para Meretrices”, apoiada mais tarde pelo ditador Juan Manuel de Rosas. Este criou uma série de ordenanças autorizando prostitutas a se estabelecerem em Buenos Aires, “para contribuir com o aumento da população”.<sup>7</sup> O próprio Estado, dessa maneira, incentivou a instalação e a vinda de metrizas a fim de garantir não apenas o bem estar dos homens, mas em aumentar em números absolutos a população buenairense.

Com o passar do tempo, já em fins do século XIX, Buenos Aires tinha fama internacional de ser um terrível porto de mulheres desaparecidas e virgens trazidas da Europa à força, que eram inseridas no interior dos prostíbulos e casas de bailes. Em vários países europeus, as notícias de que embarcavam mulheres em navios para prostituírem-se na cidade

---

6 SUMMER, W. G. Los pueblos y sus costumbres : estudio de la importancia sociológica de las costumbres. La etiqueta y los preceptos Morales. Buenos Aires : Guillermo Kraft, 1948.

7 TROCHON, Yvette. La ruta de Eros: la trata de blancas en el Atlántico Sur, Argentina, Brasil y Uruguai, 1880-1932. Montevidéo : Taurus, 2006.

portenha, criavam um clima de insegurança e de fiscalização, por parte das autoridades. Estas conseguiam, muitas vezes, detectar e prender elementos atravessadores que faziam a conexão entre a Europa e a área de Buenos Aires-Montevideú.<sup>8</sup> De outra parte, estas questões são contestadas quando se afirma que, na verdade, havia um tráfico muito grande de mulheres que alimentava as zonas de prostituição na América do Sul, principalmente em Buenos Aires. No entanto, a maioria dessas mulheres não era seqüestrada e nem tinham a condição de virgens desamparadas, mas sim que já praticavam a prostituição antes de virem para esses centros sul-americanos. Essas mulheres eram provindas de famílias miseráveis e trabalhavam nessa profissão por desespero de causa. Marginalizadas pela Revolução Industrial, expulsas de sua terra natal por perseguição política ou religiosa, viam na busca por outros *habitats* a oportunidade que não tinham conseguido até ali. As viagens em navios de segunda classe eram baratas e seus contatos nas zonas portuárias com marinheiros e homens acostumados a viajar, facilitavam e acabavam impulsionando-as a se aventurarem. A maioria era oriunda do leste europeu, da França e da Itália.<sup>9</sup>

A cidade portenha, por sua vez, se apresentava como a legítima acolhedora dessas infelizes desamparadas. Sofria, dessa forma, certa recriminação por ser capital de um país católico que havia se emancipado e restabelecido laços comerciais com a Europa. Utilizando-se de certos privilégios, os castelhanos eram acusados de serem condescendentes com essa situação, embora, na realidade, nem todas as mulheres imigrantes acabassem dentro de casas de tolerância ou fazendo ponto pelas ruas da cidade. Avellaneda afirma sobre Buenos Aires que: "La mala reputación empezó a difundirse a partir del momento en que se inició la emigración de hombres europeos, que buscaban trabajo y una nueva vida en la Argentina, después de 1860".<sup>10</sup> No entanto, desde muito antes já poderiam ser encontradas as chamadas mulheres de vida fácil, pelas ruas e bordéis da cidade.

A entrada em grande quantidade de homens solteiros ou que haviam deixado suas famílias na Europa acabou por ocasionar uma enorme disparidade no número de homens e mulheres concentrados em Buenos Aires. Com o excesso de varões disponíveis na cidade, esta

---

8 BRISTOW, Edward. Prostitution and Prejudice: The Jeswish Fight against White Slavery, 1870-1939. Oxford : Clarendon Press, 1982.

9 GUY, Donna. El Sexo Peligroso: La prostitución legal en Buenos Aires, 1875-1955. Buenos Aires : Sudamérica, 1994.

10 AVELLANEDA, Juan Maria Mendez. El motin de La "Lady Shore". Revista Todo es Historia, Buenos Aires, n.265, p.10-15, 1989.

se apresentava como sendo um mercado extremamente promissor e lucrativo para a prática da prostituição. Os registros de imigração dos anos 1890 indicam que a quantidade de homens que chegavam sozinhos era três vezes maior do que a das mulheres que vinham nas mesmas condições. Isto se devia, na maioria dos casos, por não quererem expor suas mulheres, filhas ou parentes femininos aos perigos que uma jornada incerta implicava. Além disso, a demanda da força de trabalho disponível na Argentina era exclusivamente masculina.<sup>11</sup>

É importante enfatizar que a prostituição legalizada, na Argentina, iniciou-se em 1875, com a proliferação das casas e a vinda de cafetões europeus que se estabeleceram no país, sendo posterior ao tráfico de mulheres européias. Os prostíbulo somente poderiam ser dirigidos por mulheres, sendo considerado ilegal qualquer participação masculina nesse sentido, o que acabou não acontecendo. A legalização só foi cancelada em 1936, contudo nem os prostíbulo nem suas atividades foram extintas, mas passaram a funcionar de forma clandestina, com alguns deles sendo fechados e reabertos sob novas fachadas.<sup>12</sup>

Nesse ano de 1875, a ordenança municipal estipulava que as prostitutas se inscrevessem para receberem uma carteira que lhes dava autorização para trabalhar a partir de um exame médico periódico e ao mesmo tempo, subjetivamente, as reconhecia como profissionais do sexo. Abria-se assim uma questão que nos parece primordial, ou seja, ao mesmo tempo em que a sociedade condenava os prostíbulo e suas “afiliadas”, aceitava em sua organicidade esses membros indesejáveis da moral e dos bons costumes. Criava-se um espaço reconhecido pela lei e institucionalizava-se uma imoralidade que antes era subjetiva e que se revela na medida em que é sancionada e anexada no real convívio da comunidade como um todo. O Estado admite a prostituta enquanto tal, a reconhece quando ela recebe a carteira e se declara diante das autoridades e a discrimina por essa atitude, tratando-a isoladamente. Ao mesmo tempo extrai dela uma taxa de saúde obrigatória que recolhe a seus cofres, se beneficiando do seu trabalho. A prostituta, nesse caso, deveria ser uma pessoa livre, independente e maior de dezoito anos, que por vontade própria busca na inscrição se auto-reconhecer enquanto prostituta, ou seja, já não ser vista e tida como uma pessoa de bem. Anexo a isso, apenas no caso de já ter entrado no meretrício antes da idade estipulada, é que as

---

11 CARBALLHO, A. K. Raza, Clase, Etnia y Género en la representación de la mujer inmigrante y extranjera en Argentina (1880-1930). 2006. 3.p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Florida State University, Florida, USA.

12 ALZOGARAY, Julio. Trilogía de la trata de blancas: rufianes, policía, municipalidad. Buenos Aires : Ediciones Carlos Lohlé, 1933.

menores de idade também poderiam se inscrever. De outro lado, controlavam-se as mulheres de *mala vida* e se protegia as damas da sociedade.

Oscilava a sociedade entre dois pólos, ou seja, permitir e tolerar ou condenar veementemente a venda de favores sexuais. Nessa época, a preocupação aumenta, refletindo-se nos jornais locais, tais como o *El Puente de los Suspiros* (1878), o *La Pampa* (1881), o *La Matraca* (1878), que publicavam incidentes envolvendo jovens adolescentes que desapareciam de casa, ou empregavam-se em outras casas e acabavam sendo obrigadas a vender o corpo para sobreviver. Outros casos aparecem, em que, na maioria das vezes, os cafetões eram noivos ou maridos, que obrigavam suas companheiras a trazerem dinheiro para casa, prostituindo-se.<sup>13</sup> Os próprios imigrantes recém chegados à cidade apresentavam casos em que obrigavam suas esposas a se prostituírem.<sup>14</sup> Embora esses provavelmente sejam casos isolados entre os estrangeiros aportados na cidade, podemos perceber as diferentes maneiras de inserção nesse universo que se formava. Inferimos também que entre as causas estão questões financeiras e de sobrevivência. Embora, muitas vezes, os maridos cafetões pudessem gostar da vida que levavam, usando o corpo de suas mulheres para ganharem dinheiro sem muito esforço.

Em 1889, apareceu a primeira rede organizada de prostituição feita por traficantes da cidade. Embora as informações provenham de apontamentos realizados por um policial que viveu nessa época, sabemos que os cafetões eram de origem judia e se reuniam num local chamado “Clube dos 40”. Estes homens controlavam e facilitavam a vinda de mulheres para serem inseridas no comércio sexual.<sup>15</sup>

O submundo da sociedade portenha se estruturava em cima daqueles párias execrados pelo racismo, pela moralidade, pela condição econômica, pelos traços de consangüinidade e pelas ações condenáveis. A contrapartida da sociedade contra a prostituição se concretizava pela formação de grupos que agiam para combater o tráfico de mulheres brancas e suas práticas sexuais. Mobilizadas, as mulheres da alta sociedade iam buscar proteção fundando organizações internacionais para tratar desse problema. De origem estrangeira, em sua maioria, essas respeitáveis senhoras abrigavam em casas especiais as mulheres imigrantes, a

---

13 Os jornais citados acima se encontram na seção periódicos do Archivo General de La Nación, Buenos Aires.

14 ARQUIVO GENERAL DE LA NACIÓN. Sección Periodicos. Jornal *La Pampa*. Buenos Aires. 14 de dezembro de 1881.

15 BATIZ, Adolfo. Buenos Aires: La ribera y los prostíbulos en 1880. Buenos Aires : Agataura, s/d.



fim de garantir sua inserção social sem passar por necessidades financeiras que as obrigasse a se prostituir. Com capital fornecido pelos comerciantes locais e pelos consulados instalados em Buenos Aires essas casas também repatriavam mulheres menores de idade que chegavam sozinhas, sem qualquer responsável por elas.<sup>16</sup>

Somado a isso, a comunidade que ocupava os espaços físicos que compunham o casario dos bairros em que havia prostíbulos, como o da Igreja São Nicolás e o da Rua Libertad, solicitava às autoridades municipais, uma legislação específica para tratar do caso. Em documento datado de 1891, um grupo de moradores pede uma lei contra os traficantes internacionais de mulheres brancas, que possuíam grandes recursos financeiros.<sup>17</sup> É provável que os traficantes ricos tivessem maior capacidade de mobilização e facilidade de inserir maior quantidade de mulheres em zonas onde o nível social da população fosse mais alto. Isso buscava uma clientela de melhor nível, e certamente, atingiria a comunidade como um todo, em função das ações que envolvem os moradores próximos aos locais das casas de tolerância.

O processo de transformação por que sofreu Buenos Aires incidiu diretamente sobre a sociedade em geral, que vê seus valores até então conservadores, sofrerem também alterações significativas. Isso passou a acontecer a partir dos últimos trinta anos dos 1800, quando a capital portenha tornou-se agitada, e com uma grande capacidade de crescimento econômico. Nessa época, Buenos Aires sofreu mudanças estruturais profundas, quando as velhas ruas coloniais deram lugar a grandes avenidas, escritórios do governo, teatros e subterrâneos. O centro passou a ser ocupado por lojas de moda, bancos, cafés, restaurantes, evidenciando um grau de prosperidade cada vez mais crescente.

A maioria da população pobre portenha, homens e mulheres, era um desafio contínuo para as elites governantes. A competição por escassos trabalhos, o alto custo de vida e o próprio sistema capitalista que se desenvolvia favorecendo os donos do capital, realizava a exclusão dos dessa parte da sociedade.<sup>18</sup> Era significativo o aumento do número de habitantes, composto em sua maioria de imigrantes e emigrantes, que acorriam a Buenos Aires em busca de trabalho.<sup>19</sup>

---

16 ALZOGARAY, op. Cit. P. 36.

17 ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA DE LA REPÚBLICA ARGENTINA. Fondo Roque Sáenz Peña. Libro 160. Solicitud. Trata de Blancas. Prostitución. Buenos Aires, 1891.

18 SZUCHMAN, Mark. Disorder and Social Control in Buenos Aires, 1810-1860. In: GUY, D. El Sexo Peligroso: La prostitución legal en Buenos Aires, 1875-1955. Buenos Aires : Sudamérica, 1994.

19 GUY, op. cit., p.78.

Os recém chegados traziam seus próprios valores culturais, fazendo com que as autoridades se vissem obrigadas a buscar formas de transmitir normas políticas, sociais e culturais aceitáveis para esta classe baixa que se apresentava e crescia. Dessa forma, para as mulheres pobres da capital, as alternativas que lhes restavam de trabalho eram os serviços domésticos, a costura ou a prostituição. O horizonte feminino, tanto das negras quanto das brancas, não se apresentava muito promissor. É claro que a situação das meretrizes afrodescendentes era ainda mais caótica, em função do racismo exacerbado, causando-lhes um duplo problema: enfrentar a concorrência laboral e o rechaço racial.

A prostituição, em verdade, se converteu em uma metáfora que combinava os temores da classe alta e média contra a classe baixa, numa luta sem tréguas, em que, por trás da desordem urbana e moral, escondia-se a questão econômica e social. O cenário apresentava-se constituído por um conflito em que estavam em jogo as inter-relações, dentro do espaço social vigente, a diminuição da distância social e a luta econômica pelo *status* e a sobrevivência.

Assim, dentro do território buenairense, pode-se perceber a formação de um sistema social, funcionando paralelo à sociedade dominante, em que os atores interagem individualmente. Pensamos a estrutura social a partir da existência de uma inter-relação envolvendo uma pluralidade de pessoas, atuando de forma individualizada, cumprindo papéis de modo organizado e compartilhando das mesmas expectativas.<sup>20</sup> Embora combatida, a prostituição (aí não importando se nos bordéis mais pobres, das cafetinas negras, ou nos mais bem situados, comandados por mulheres e cafetões brancos) agia como um fator integrador de uma parte significativa do quadro social. O ponto comum se daria através de um conjunto de ações entre indivíduos que buscavam coisas semelhantes: a diversão e a satisfação sexual de um lado, e a compensação financeira e afirmação social de outro. No fim das contas, o resultado convergiria para a complementaridade dos desejos individuais, fossem eles físicos, econômicos, ou sociais.

As unidades que compunham esta segunda estrutura social eram os papéis que cabiam a cada um dos elementos que a interligavam. Sem levar em consideração a que classes pertenciam seus componentes o submundo buenairense agia dentro de uma dinâmica própria,

---

20 PARSONS, Talcot. *The Structure of Social Action*. New York : McGraw-Hill, 1937.

em que, a partir de certa margem de liberdade, os atores sociais cumpriam seus papéis sem tensões demasiadas. A estabilidade do sistema meta-institucional, constituído no interior do quadro social, mantinha-se pelo jogo de interesses atribuídos a cada personagem. O cáften, ao agir na cooptação das mulheres, coadunava-se e adaptava-se ao marido, ao noivo ou ao irmão mais velho, que exerciam o mesmo papel, dentro dos parâmetros estabelecidos. No entanto, aparecia no jogo de manutenção conjuntural, o poder, que se estabelecia num grau de coerção variável. Embora fosse encontrado em toda parte, numa visão foucaultiana, este se interposicionava, originando-se a partir de certas situações pré-estabelecidas, e distribuía-se de cima para baixo. O patriarcalismo, arraigado como uma herança consuetudinária garantia o mando do homem sobre a mulher cooptada, fosse ela esposa, noiva, irmã, amante ou estivesse sob qualquer outra condição de tutela.

Complementarmente, as prostitutas inseriam-se no âmbito da sobrevivência social, e cumpriam, igualmente, papéis determinados. Embora em menor número, estas eram jogadas no interior de um sistema social discriminatório, sendo obrigadas a inserirem-se num escopo conjuntural que reservava a essa gente, um lugar significativo. Dessa forma, essas mulheres faziam parte de um submundo articulado que funcionava dentro da sociedade dominante, mas fora da moralidade, embora institucionalizada. Ocupavam, dessa maneira, um espaço social não permitido. Este espaço, condenado pela sociedade castelhana, era articulado de tal forma, que garantia, por um período de tempo considerável, a sobrevivência de uma identidade que não teria reconhecimento longe desse universo paralelo.

Ao mesmo tempo, a reação das elites, lutando pela garantia das instituições morais, refletia-se na tentativa de discriminar o espaço social que se estreitava, na medida em que essa população marginal se aproximava, cooptando, cada vez em maior número, os indivíduos das classes sociais mais altas. Com a participação efetiva de comerciantes ricos que freqüentavam os bordéis (principalmente de prostitutas brancas), as interações eram inevitáveis.

Espaço social significa a definição de relações de um homem com outro homem ou outro fenômeno social, escolhido como ponto de referência.<sup>21</sup> Nessa situação, os bordéis possibilitavam aproximações entre indivíduos de classes sociais diferentes, diminuindo o espaço social existente. A ameaça real fazia com que a defesa da moralidade e dos bons

---

21 SOROKIN, Pitirin. Social Mobility. New York : Harper and Brothers, 1927.

costumes fosse posta como estandarte de resistência das elites. Ao mesmo tempo em que isso acontecia, o patriarcalismo arraigado nas entranhas de uma sociedade machista, tratava de administrar as incongruências na medida em que atuava no pelo e no contrapelo das ações. Ao mesmo tempo em que ratificava a moralidade buscada pela comunidade, participava ativamente quando os homens (“machos”) frequentavam os bordéis na calada da noite, escondendo-se entre as sombras e as paredes dos quartos pagos às cafetinas e aos cafetões da cidade. De dia atacavam a indecência praticada ativamente por eles à noite. Os espaços físicos das casas de tolerância permitiam aproximações sociais que, de outra forma, não existiriam. O espaço social à noite tornava-se híbrido, homogêneo, contrariando via de regra aquilo que de certa forma lutava para manter-se separado, ou seja, as elites ocupando seu lugar no topo da pirâmide e os párias (prostitutas, cáftens, pobres em geral, negros e índios) ocupando as vielas e os becos imundos da urbe.

De outro lado, embora esse processo não funcionasse sem exceções (leis que serviam para fechar e taxar bordéis de zonas mais pobres não atingia aqueles situados em ruas de zonas abastadas), o seu andamento servia para demonstrar que existia uma consciência da perda do espaço social. Em relação à distância social, que significaria a aceitação tácita daqueles indivíduos que enriqueceram com atividades condenáveis pela sociedade, também sofria resistências.

Quando o cafetão era impedido de freqüentar certos lugares *chics*, a distância e o espaço social eram mantidos pelas elites, que os impunham pelas restrições. Na verdade, embora a interação existisse, entre os dois universos que formavam a realidade social de Buenos Aires, o institucionalizado e o paralelo, esta não era suficiente para romper barreiras e realizar articulações que fossem fortes o bastante para manterem uma unicidade social. Ratifica-se, dessa maneira, a permanência de dois mundos que, embora se tocassem em certos pontos, permaneciam divergentes.

O submundo da prostituição significava, antes de tudo, a resistência e a sobrevivência de uma parte da população marginal, que vivia no interior da sociedade castelhana da segunda metade do século XIX. Manter identidades discriminadas só era possível dentro de um mesmo universo marginalizado, onde papéis individuais eram reconhecidos, dando a cada um a visibilidade procurada.

### Referências Bibliográficas

Fontes jornalísticas:

La Broma. Outubro de 1878.

El Puente de los Suspiros. Abril de 1878.

La Pampa. 1881.

La Matraca. Maio de 1878.

Fontes bibliográficas:

ALZOGARAY, Julio. Trilogía de la trata de blancas: rufianes, policía, municipalidad. Buenos Aires : Ediciones Carlos Lohlé, 1933.

AVELLANEDA, Jose Maria Mendez. El motin de La “Lady Shore”. Revista Todo es Historia, Buenos Aires, n.265, p.10-15, 1989.

BATIZ, Adolfo. Buenos Aires: La ribera y los prostíbulos en 1880. Buenos Aires : Agataura, s/d.

BRISTOW, Edward. Prostitution and Prejudice: The Jewish Fight against White Slavery, 1870-1939. Oxford : Clarendon Press, 1982.

CARBALLHO, A. K. Raza, Clase, Etnia y Género en la representación de la mujer inmigrante y extranjera en Argentina (1880-1930). 2006. 3.p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Florida State University, Florida, USA.

GUY, Donna. El Sexo Peligroso: La prostitución legal en Buenos Aires, 1875-1955. Buenos Aires : Sudamérica, 1994.

MOLAS, Ricardo Rodriguez. El Baile de La Alegria. Revista Todo es Historia, Buenos Aires, n.217, p.46-49, 1985.

PARSONS, Talcot. The Structure of Social Action. Nova Iorque : McGraw-Hill, 1937.

SZUCHMAN, Mark. Disorder and Social Control in Buenos Aires, 1810-1860. In: GUY, D. El Sexo Peligroso: La prostitución legal en Buenos Aires, 1875-1955. Buenos Aires : Sudamérica, 1994.

SUMMER, W. G. Los pueblos y sus costumbres : estudio de la importancia sociológica de las costumbres. La etiqueta y los preceptos Morales. Buenos Aires : Guillermo Kraft, 1948.

SOROKIN, Pitirin. Social Mobility. New York : Harper and Brothers, 1927.

TROCHON, Yvette. La ruta de Eros: la trata de blancas en el Atlántico Sur, Argentina, Brasil y Uruguay, 1880-1932. Montevidéo : Taurus, 2006.

WILDE, J. A. Buenos Aires desde setenta años atrás. Buenos Aires : Biblioteca de La Nación, 1903.